

Cecília de Sousa, Maria Manuela Madureira

SOUSA, Cecília de (n. 1937)

Escultora e ceramista. Nasceu a 25 de Junho de 1937, em Lisboa. Inicia a sua formação artística em 1950 na Escola António Arroio ingressando no Curso de Cerâmica, onde teve como mestres, Lino António e Manuel Cargaleiro. Mais tarde, entra na Universidade de Aveiro onde frequentou o curso de Tecnologia dos Materiais. Em 1952 é convidada por Lino António, director da Escola António Arroio, a colaborar na pintura dos painéis cerâmicos da Via Sacra para o Santuário de Fátima e, em 1954, começa a colaborar no atelier do seu professor, Manuel Cargaleiro, na Fábrica Cerâmica Viúva Lamego, onde três anos depois lhe viria a ser concedido um espaço de criação próprio designado *Casulo*. Aqui desenvolveu as suas pesquisas pessoais durante 30 anos, aproximadamente. Participante assídua das Bienais de Cerâmica internacionais e cooperadora do movimento de renovação da Cerâmica portuguesa do pós-guerra, conta com um percurso artístico de mais de meio século, demarcado por cinco ciclos criativos. Entre 1954 a 1968, junta-se a uma nova geração de artistas plásticos, como os pintores Querubim Lapa, Júlio Resende e Júlio Pomar, e a ceramista Manuela Madureira que colaboram com arquitectos empenhados na experimentação de novas linguagens plásticas. Explora, neste mesmo período, as expressividades próprias do fazer cerâmico, uma produção moderna de objectos de tipologias convencionais e revestimentos arquitectónicos em faiança, com estéticas abstractas. Entre 1968 a 1974, é quase inexistente a produção cerâmica de Cecília de Sousa devido à sua permanência em África, embora a forte interiorização de outras realidades visuais e preceitos culturais tenham contribuído para as fases subsequentes. Em 1974, volta a Lisboa e retoma o ritmo de produção continuada na Fábrica Cerâmica Viúva Lamego onde cria vastas placas de faiança com um registo informal abstracto. A transformação profunda de atitude perante a materialidade e a função poética do objecto cerâmico dá-se entre 1989 a 1991, autonomizando-o como sustentáculo absoluto de expressão artística, resgatando desperdícios da produção fabril.

Após 1991, entra num processo de máxima autonomia e liberdade criativa, desenvolvendo esculturas de grande dimensão e projectos que passam a integrar uma linguagem poética autobiográfica. Sendo uma das ceramistas portuguesas com carreira mais continuada e original, conta com cerca de 40 trabalhos integrados em arquitectura, destacando-se os painéis que realizou para o hall de entrada de um prédio da Avenida dos Estados Unidos da América, em Lisboa (1957); para o altar da Igreja da Marquiteira; para o bar do Hotel Fénix, em Lisboa (1960); para os balcões do bar principal e do bar do *bowling* do Hotel Estoril Sol e para o Hotel Sol e Mar, Albufeira (1964); para a loja associada ao café “A Brasileira”, no Porto e para o átrio do Hotel Eva, Faro

(1965); para o cinema Lido, na Amadora (1966); para o bar do Hotel Tivoli (1968) e dois grandes painéis azulejares para a fábrica *Dan Cake*, em Santa Iria da Azóia (1993).

Na década de 1960, o azulejo ganha visibilidade como criação artística através das grandes encomendas públicas, como é exemplo o Metropolitano de Lisboa, que desde 1959 usa o azulejo como revestimento das suas estações, utilizando a criação de grandes artistas portugueses e internacionais. Em 1998, foi inaugurada a estação Olivais Sul, com o projecto arquitectónico da autoria do Arq.º Rui Cardim e as intervenções plásticas de Nuno de Siqueira e Cecília de Sousa. Tomando como tema o topónimo do local – Olivais, e após uma longa pesquisa, Cecília de Sousa optou por uma intervenção escultórica de grandes dimensões, interior e exterior, e painéis cerâmicos relevados onde faz uma alusão aos olivais.

O seu longo trabalho como ceramista é um espaço que engloba a pintura e a escultura, que tem estado presente em inúmeras exposições nacionais e internacionais. Expôs pela primeira vez em 1954, na *IV Exposição de Cerâmica Moderna do Secretariado Nacional de Informação* (SNI), no Palácio da Foz em Lisboa. Desde essa altura tem sido convidada a participar em mostras sucessivas, destacam-se: *Exposição de Cerâmica, Klin Club of Washington* e *La Ceramique Contemporaine*, Musée de Beaux-Arts, Ostende em 1959; *V Exposição Internacional de Pintura e Escultura*, Musée d'Art de la Ville de Paris em 1960; *BIO 87 – Bienal Internacional de Óbidos* em 1987; *3rd Cairo International Biennial for Ceramics*, National Centre of Fines Arts, Gizé, Cairo em 1996.

Em 1991 teve a sua primeira exposição individual no Museu Nacional do Azulejo sob a coordenação de João Castel-Branco Pereira. Em 1998 foi a representante portuguesa na exposição *Europaisch/Keramik aus 13 Landern*, no Kunsthalle Dominikanerkirche, em Osnabrück. No ano 2000, participou numa exposição itinerante no Brasil, intitulada *O Azulejo em Portugal no século XX*. Em 2004, o Museu Nacional do Azulejo, na continuidade de um projecto de divulgação de Cerâmica de Autor em Portugal, organizou uma retrospectiva de Cecília Sousa, documentando a sua exemplar carreira. Comissariada por Paulo Henriques, a exposição intitulada *A minha segunda casa*, foi a maior exposição individual da artista, expondo a sua obra cerâmica produzida ao longo de cinco décadas, de 1954 a 2004. Em 2007, participou na Festa da Cerâmica, uma mostra de Escultura Cerâmica Ibérica Contemporânea, que se dividiu ente o Museu Barata Feyo e o António Duarte, nas Caldas da Rainha. Esta artista encontra-se representada na Fundação Cupertino de Miranda, Famalicão; no Museu Amadeo Souza Cardoso, Amarante; no Museu Luís Camões, Macau; no Everson Museum of Art, Nova Iorque; no Museu Nacional do Azulejo, Lisboa; na Casa Museu Vasco de Lima Couto, Constância e em várias colecções privadas na Argentina, Bélgica, Brasil, Canadá, Espanha, Estados Unidos da América, Portugal e Suíça.

Referências

Cecília de Sousa. *Cerâmica*, catálogo de exposição [coordenação João Castel-Branco Pereira], Lisboa, Museu Nacional do Azulejo, Instituto Português do Património Cultural 1991.
As colecções do Museu Nacional do Azulejo, Lisboa, Londres/Lisboa, Zwemmer Publishers Limited/

Instituto Português de Museus, 1995.
METRO – A Arte que Lisboa ainda não viu, Lisboa, Metropolitano de Lisboa, 1996.
HENRIQUES, Paulo, *A minha segunda casa. Cecília de Sousa. Obra Cerâmica 1954-2004*. Museu Nacional do Azulejo; Lisboa; IPM 2004.

MADUREIRA, Maria Manuela (n. 1930)

Ceramista, escultora e pintora. Nasceu em Lisboa em 1930. Inicia o seu percurso de artista plástica na Escola Superior de Belas-Artes. Estudou em vários ateliers particulares, teve aulas de cerâmica com Manuel Cargaleiro, de pintura e desenho com Elisa Felismino e escultura com Leonor Bettencourt. Na década de 60, foi para Itália estudar restauro, cerâmica e escultura em pedra e madeira, como bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian no *Istituto Statale d'Arte per Ceramica*, em Faenza (1961-1962).

De volta a Lisboa, a artista viria a sofrer influências do ceramista Jorge Barradas, o autor com maior importância na história do azulejo em Portugal no século XX, bem como, dos escultores e ceramistas Hein Semke e Martins Correia.

Pesquisadora de realidades e liberdades interiores, Manuela Madureira mantém-se fiel a si mesma, sem interromper o seu processo de transformação. Renovando a sua linguagem artística e partindo à descoberta e assimilação contínua de novas técnicas e materiais, confere um sentido de experimentação inovador e autêntico à sua obra. Desenvolveu um trabalho de grande qualidade plástica em campos tão diversos como a escultura em mármore e madeira, azulejo, tapeçaria, desenhos para calçada portuguesa, pintura com técnicas variadas e cerâmica de grandes dimensões integradas em arquitectura. Ao nível temático explora o reino animal e vegetal, o universo e a fantasia, sem nunca abandonar a figura humana. No seu trabalho os vários fragmentos do recorte figurativo conjugam-se numa estrutura aparentemente complexa, de onde emergem a sua grandeza simbólica. Detentora de uma obra que se reparte pelos diferentes campos da arte, consegue manter uma unidade formal e estética singular, onde impõe o carácter distintivo da sua personalidade artística.

Possui uma obra pública de grande notoriedade patente em diversos monumentos em Portugal, como o Teatro Maria Matos, onde elaborou uma escultura cerâmica sobre azulejaria, intitulada *O Teatro e as Máscaras* (1969); o Palácio da Justiça em Lisboa (1970); o Hospital do Funchal, onde executou um grande muro escultórico cerâmico intitulado *Grito de Dor. Grito de Alegria* (1973), com a técnica “Rugosos e Baços”, criada e registada pela própria artista, sendo essa obra escolhida pelo arquitecto americano Louis G. Redstone para o livro *Public Art. New Direction*; a Faculdade de Engenharia de Coimbra, para onde realizou *Para além de Saturno* (1975), um grande painel em azulejaria, entre outros. Dos seus inúmeros trabalhos destacam-se ainda os frisos cerâmicos para as sobreportas do Hotel Estoril-Sol (1965), entretanto desaparecidos e um painel cerâmico com aplicação de “azulejos em movimento” para a Escola Náutica Infante D. Henrique, em Paços de Arcos (1973).

Ceramista e escultora, o seu trabalho tem um lugar de incontestável relevo, tendo sido apresentado em inúmeras exposições individuais e colectivas, nomeadamente: *Cerâmica de Maria Manuela Madureira* (1960 e 1969), Galeria do Diário de Notícias, Lisboa; *As Artes ao Serviço da Nação* (1966), Museu de Arte Popular, Lisboa; *III Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian* (1986); *Comunicações Espaciais* (1988), jardins da Fundação Calouste Gulbenkian; *Maria Manuela Madureira* (1993), Museu Arqueológico, Faro; *Manuela Madureira. Retrospectiva Anos 57/93* (1993), Biblioteca Nacional de Lisboa; *Prosas pintadas para o primeiro Rei de Portugal* (2004), Paço dos Duques de Bragança, Guimarães, entre muitas outras, designadamente na Galeria do Movimento Arte Contemporânea, em Lisboa onde participou em dezenas de exposições.

Com um percurso internacional assinalável, fruto da sua admirável dimensão plástica e imensa força expressiva do seu trabalho, começou muito cedo a expor no estrangeiro. A sua primeira apresentação fora do país natal foi em 1957, na *Exposição Internacional de Cerâmica*, em

Bruxelas. Depois seguiram-se um sem número de mostras, designadamente: *The Seventh and Eighth International Exhibition of Ceramic Art* (1959 e 1961), ambas em Washington; *V^{ème} Exposition Internationale - Peinture, Sculpture, Art Décoratif* (1960) no Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris; Exposição Internacional de Cerâmica (1962), em Buenos Aires; *Exposição Internacional de Cerâmica* (1973), no Victoria and Albert Musuem; *Maria Manuela Madureira. Esculturas. Interferências en la Geometria* (1999), Museo de Arte Contemporaneo, em Toledo, Espanha, entre outras.

Esta artista encontra-se representada na Fundação Calouste Gulbenkian; no Museu do Chiado; no Museu Nacional do Azulejo; e em várias colecções privadas.

Manuela Madureira foi distinguida com numerosos prémios nas áreas da escultura e cerâmica, entre eles, o Prémio Nacional de Cerâmica “Sebastião de Almeida”, em 1961.

Referências

- Cerâmica decorativa portuguesa [apresentação Santos Simões], Fundação Calouste Gulbenkian, ed. com.; Simpósio Internacional, 1^o. Ed. lit. Lisboa: 1971.
- O Azulejo em Portugal no século XX*, catálogo de exposição itinerante no Brasil, Lisboa, Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimientos Portugueses – INAPA, 2000.
- HENRIQUES, Paulo; ALMEIDA, Ana; PAIS, Alexandre; LOUREIRO, Fátima; MONTEIRO, João Pedro, *Museu Nacional do Azulejo. Roteiro*, Instituto Português de Museus. Lisboa: 2003
- MADUREIRA, Manuela, *Manuela Madureira, 1957-2004*. Lisboa; São Paulo: Verbo, 2004.